



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## O LUGAR DO TEXTO: ANÁLISE COMPARADA DAS NARRATIVAS DE HERCULES FLORENCE

Luis Claudio dos Santos Bonfim\*

1

Em 1813 chega ao Rio de Janeiro Georg Heinrich von Langsdorff, patenteado pelo império russo com o título de Cônsul-geral. Langsdorff tinha formação médica, mas mantinha grande interesse pela História Natural. O gosto naturalista, que o fez tornar sua casa no Rio ponto de encontro para viajantes estrangeiros, culmina no projeto de uma empresa científica pelo interior da América do Sul. Com a aprovação e financiamento do imperador russo, em 1821 o projeto ganha título de expedição e contrata desenhistas, zoólogos e astrônomos para percorrer os sertões fazendo coleções e estudos da fauna, flora e populações. Entre os recrutados estão Luiz Riedel, o botânico cujo nome consta na monumental *Flora Brasiliensis* de Martius; Rubzoff, o astrônomo que era militar e não gostava de alturas<sup>1</sup>; Mauricio Rugendas, o pintor que deixou a expedição logo no início por desentender-se com o chefe<sup>2</sup>; Amadeo Adriano Taunay, o pintor substituto que, quando naufrago, comeu carne de cavalo e, quando afoito, afogou-

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>1</sup> “O sr. Rubzoff, apesar de ser oficial da marinha russa, não se atreveu a subir o São Jerônimo (FLORENCE: 1977, p. 158)”

<sup>2</sup> Ver. Diener, Pablo e Costa, Maria de Fátima. **Viajando nos bastidores: documentos da expedição Langsdorff**. Cuiabá: EDUFMT, 1995.

se nas águas do Guaporé<sup>3</sup>; Christian Hasse, o zoólogo que se matou de amores (literalmente)<sup>4</sup> pela menina que posteriormente seria esposa de Hércule Florence; este último, francês contratado como segundo desenhista, que daria tom português ao seu nome tornando-se Hercules Florence, estabelecendo moradia em São Carlos quando terminada a expedição em 1829.

É de Florence que nos ocupamos. O “escrevinhador sem letras” como se denomina em seus textos, muito escreveu! A motivação constante de organizar os dados em uma narrativa deu origem a diversas versões. São essas variações da narrativa de viagem que constituem o objeto do nosso estudo.

Os problemas desta tarefa começam já no catálogo do legado da expedição. Komissarov, em *Expedição Langsdorff, acervo e fontes históricas* (1994), indicou a existência de três versões, marcadas pela data de produção: a de 1829-1830 enviada à Rússia após a expedição, que até hoje não foi publicada ou traduzida; a de 1849-1859 que faz parte do caderno *L'ami des arts*<sup>5</sup>, atualmente guardado no Instituto Hercules Florence em São Paulo – o capítulo da narrativa foi traduzido e publicado em 1977; a de 1855-1860, enviada ao Visconde de Taunay para publicação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Operacionalmente esse esquema é válido; a todas as versões, entretanto, devem acrescentar-se precisões. A **primeira versão** foi dividida em duas partes. A parte I, com descrições de Porto Feliz a Cuiabá ficou no Brasil com a família Taunay. A parte II foi para a Rússia, dada por perdida até 1930, quando foi realizado o catálogo dos materiais do Arquivo da Academia das Ciências de São Petersburgo<sup>6</sup>. O manuscrito da parte I foi

<sup>3</sup> Sobre a carne de cavalo ver Bourroul na página 245. Sobre o afogamento ver Carta de Riedel, de 10 de março de 1828 transcrita por H. Florence na narrativa *l'ami* (1997, p. 93).

<sup>4</sup> Bourroul transcreveu da obra “Cidade de Mato Grosso” na página 21: “Violentamente se apaixonara o zoólogo Hasse da filha única do cirurgião [...] Francisco Álvares Machado [...] encontrou tenaz resistência por parte da moça, que [...] invariavelmente respondia: só me caso com o Sr. Florence. [...] o pobre Hasse [...] suicidou, dando em si trinta e tantas facadas (BOURROUL: 1900, p.80).”

<sup>5</sup> O caderno “*L'ami des arts livre à lui-même ou recherches et découvertes sur différents sujets nouveaux*” [Livro do amigo das artes, ou sobre tema de diferentes investigações e novas descobertas] de 423 páginas, dividido em 9 capítulos sobre variados temas era um projeto de Florence contra o esquecimento.

<sup>6</sup> Os materiais da expedição foram microfilmados em 1990. Cópia foram enviadas para o Centro de Memória da Unicamp e para a Fundação Oswaldo Cruz. Em março deste ano visitamos o CMU, mas, não encontramos o manuscrito de Florence. Pode ser um erro no catálogo da Unicamp, havendo a

encontrado pelo Visconde de Taunay em 1874. O visconde realizou a tradução e com aval de Hercules Florence, promoveu a publicação na RIHGB, no tomo 38 de 1875. A descrição do restante da viagem foi enviada por Florence no ano seguinte. O Instituto imprimiu essa versão no tomo 39, ao ano de 1876. Na ocasião do envio da segunda parte da narrativa para a publicação na Revista, Florence afirmou ter o texto pronto há 15 anos. O que chamamos de **terceira variante** corresponde a essa composição entre dois textos, escritos com pelo menos 23 anos de distância (a parte I da primeira variante, de 1830, e o restante da descrição enviado para publicação na RIHGB, escrito em 1853-1860 – quinze anos antes da publicação no IHGB, como disse Florence). Cabe lembrar que da terceira versão, a maior parte dos manuscritos está perdida, algumas páginas se encontram no Arquivo do IHGB no Rio de Janeiro.

Entre 1853-1860 sabemos que Florence trabalhava na escrita do caderno *L'ami des arts*, logo, na escrita da segunda versão da narrativa. O autor não menciona o motivo de ter escrito duas versões da narrativa quase paralelamente. Conjecturamos que o texto enviado ao Instituto é, na verdade, o roteiro usado como base para a segunda versão (de *L'ami des arts*).

A **segunda versão**, correspondente ao caderno *L'ami des arts*, foi escrita pausadamente entre 1837 e 1859, vale dizer, há 22 anos de distância entre os extremos de início e fim da redação. Como não tivemos acesso à primeira versão completa, trabalhamos na comparação da segunda e terceira versão.

Komissarov formulou breves opiniões depois de ler as versões da narrativa de Florence. Viu grande disparidade entre a primeira variante (a russa) e as seguintes, a segunda (de *L'ami des arts*) e a terceira (do IHGB). Entre a primeira e as duas seguintes há, segundo esse pesquisador, um deslocamento de referência. “Se na variante de 1829-1930 podemos encontrar as marcas de um autor europeu, nas duas últimas vemos um Florence brasileiro (op. cit., p. 37)”. Levantamos a questão da primeira versão apenas para discutir a conclusão de Komissarov sobre o valor histórico das diversas versões da narrativa. Do confronto entre as três variantes Komissarov desemboca na seguinte ideia:

---

necessidade de consultar as cópias da FIOCRUZ ou ver os filmes do CMU detalhadamente. No catálogo Russo de 1988, na parte dedicada aos manuscritos de H. Florence, encontrasse uma observação de que o manuscrito da narrativa está perdido. Além da parte II da narrativa encontram-se na Rússia outros materiais de Florence, são esboços, rascunhos e artigos.

Não podemos deixar de concluir que, como fonte para a história do Brasil, a primeira variante possui mais importância que as que surgiram após vinte anos. É justamente naquela variante que podemos encontrar, com maior clareza, a relação do artista com as suas anotações, a sua concepção de mundo e o nível de seus conhecimentos (idem, p. 38).

Para além da perspectiva da existência de um fixo objeto Brasil no século dezanove, do qual as descrições de Florence são mais ou menos fieis, é preciso defender o valor histórico das interpretações, nas três variantes da narrativa. O valor histórico das fontes é fruto dos problemas que o historiador propõe. Na nossa perspectiva, a segunda e terceira versão têm grande importância histórica. Analisadas comparadamente e tendo em conta seu ambiente de publicação, os textos revelam aspectos do projeto nacional brasileiro oitocentista.

Com esse olhar, a análise comparada é possível e necessária. Na literatura sobre o tema nada substancial foi realizado nesse sentido; alguns autores fizeram rápidas tentativas de análise, como Komissarov. Outros cotejaram as narrativas focando dados de ordem técnica, como roteiro, datas, encontros, estadias etc. É o caso da obra de Estevam Bourroul.

Nosso objetivo é diferente; trata-se aqui de comparar a segunda e terceira versão através de temáticas. Procurando ler as semelhanças, correspondências e silêncios nos textos à luz de seus ambientes de produção.

#### Comparação Geral

Uma comparação a sobrevoo da segunda e terceira versão expõe já questões interessantes. No seu trabalho, Komissarov constatou o caráter circunscrito à viagem da versão IHGB, ao passo que a versão do *L'ami des arts* abre-se a questões de ordem filosófica e busca, através de comparações, relacionar as observações sobre o Brasil com outras regiões e épocas.

Na terceira variante o artista dedica maior atenção à descrição da natureza e a observações relacionadas a tribos indígenas. Na segunda variante [...] encontram-se observações de caráter pessoal e familiar (KOMISSAROV, 1994, p.35).

Também Bourroul formulou suas ideias a respeito da impressão sobre a segunda e terceira variante. Segundo o biógrafo: “A tradução pelo Dr. Alfredo d’

Escragnolle Taunay não é a do Manuscrito, que encerra particularidades [...]; mas tudo o que o Dr. Taunay publicou esta no Manuscrito” (BOURROUL, p. 329). De fato, comparando a terceira com a segunda versão notamos que, no geral, tudo que foi dito na versão IHGB está na do *L’ami des arts*. Existe na terceira versão um ou outro fato não mencionado na anterior; não são, contudo, questões analíticas ou explicativas. Esquece a morte de um animal, a observação de uma ave ou as luzes de uma paisagem. Essa constatação reforça a ideia de que a parte II da terceira variante é o roteiro de escrita da versão *L’ami des arts*, rapidamente melhorado para publicação na revista do Instituto. Por outro lado, da segunda para a terceira variante existem muitas diferenças de redação, de supressão de explicações e de opiniões.

No geral nota-se uma diferença de projeto entre as duas versões. Consultando os originais e traduções da terceira versão nota-se que originalmente foi escrita em primeira pessoa; a experiência individual é traduzida por formulações como *esqueci-me, eu vi, tive a oportunidade de ver*. Porém o texto publicado no IHGB traz as observações como experiências coletivas. Onde Florence e Taunay escreveram “[cerrados] dos mais floridos que já vi (TAUNAY, 1875, p. 2)” e “a paisagem ante a mim (idem, p. 2)”, a edição da RIHGB publicou “[cerrados] dos mais floridos que jamais víamos (FLORENCE, 1977, p. 175)” e “a paisagem ante a nós (idem, p. 175)”. Ao que parece a edição valorizou o relato como experiência coletiva, de forma que a narrativa ganha poder enquanto produto da expedição. No momento da publicação o tradutor aprovou a alteração, o que indica a valoração documental que se outorga à narrativa no prefácio da publicação do Instituto.

Por parte de Florence também existe, na versão IHGB, um esforço de dar caráter de fonte ao texto. A linearidade temporal da narrativa é mantida a todo custo, o autor marca qualquer pulo ou variação de lugar e tempo da narrativa. Quando na seleção dos acontecimentos tem que suprimir dias, escreve: “De 3 a 6, nada nos aconteceu de notável (idem, 1977, p. 93)”. No caso de julgar necessário fazer uma consideração de ordem geral esclarece: “Cesso por instantes de me ocupar com o diário para fazer conhecido o resultado da perfídia dos Guaicurus (idem, p. 87)”. Na versão *L’ami des arts*, Florence não sente necessidade de fazer esse tipo de observações sob sua escrita; o correr da viagem, com precisões de datas e lugares, está no mesmo plano dos

apontamentos filosóficos, históricos e sentimentos pessoais. É possível entender essas variações no modo de escrever através do modelo de narrativa que o autor constrói em uma e outra versão. A versão de *L'ami des arts* dialoga com um número muito maior de questões. A narrativa é marcada por um autor que quer ser lembrado entre os viajantes e pensadores. Daí as citações de viajantes, filósofos, referências bibliográficas e teorias da História Natural. Mais que descrever o que viu, há a necessidade de explicar, levantando questões que intrigam à mentalidade europeia – notadamente desde a perspectiva da realidade francesa. O caráter descritivo do texto da versão IHGB foi lembrado pelo próprio autor. Ao fim das inúmeras descrições de cachoeiras no Tietê anotou: “Para trabalho posterior e mais limitado ficará suprimir o que for supérfluo” (idem, 1977, p. 82).

Enquanto a coletânea *L'ami des arts* é um projeto individual, a do IHGB é um projeto institucional, o que define um objetivo e um público mais específicos. Na apresentação da versão do IHGB, o Visconde de Taunay caracteriza o texto como “um seguimento de notas e apontamentos tomados para receberem, em trabalho completo e regular, todo desenvolvimento desejável” (TAUNAY, 1977, p. XVI). Publicada na revista da instituição responsável pela construção da história nacional, a narrativa servia como fonte para os historiadores filiados.

6

### COMPARAÇÃO DETALHADA

Para o nosso trabalho, comparar as versões exige o cuidado de ler textos escritos durante lapsos de tempo significativos. Como dizemos, a terceira variante é uma montagem entre a parte I da primeira variante, escrita no fim da viagem entre 1829-1830 – nela está à descrição da viagem entre Porto Feliz e Cuiabá – com o texto escrito por Florence em 1854-1860 e revisado – como temos defendido – para publicação a pedidos de Taunay em 1875. Da comparação já, alertou Komissarov, que existem diferenças de olhar de um autor Europeu e de um nacionalizado pelo tempo. Além disso, interessa saber em que grau as diferenças entre as versões foram influenciadas pelo tradutor – o Visconde de Taunay – de acordo com o programa do Instituto Histórico e Geográfico.

A preocupação documental que cerca a versão publicada na RIHGB gera controvérsias. A necessidade de manter a objetividade do que escreve chega ao ponto de assinalar deficiências da sua própria descrição; na página 51 da versão da revista do Instituto, Florence anuncia que do dia 2 de agosto até a chegada em Cuiabá em janeiro

de 1827 deixou de escrever seu diário de campo. Na sequência pondera que consultou as notas de Rubzoff sobre os lugares que haviam passado. Essa informação está na primeira parte da narrativa, que foi escrita em 1830. Para analisá-la podemos levantar o comportamento de Florence na expedição, citar sua relação com Langsdorff ou seus próprios desenhos; tudo isto ira depor a favor da sua minúcia de observador. Por esse caminho concluiríamos que Florence em 1830 tinha grande preocupação em ser objetivo em seu relato. Levantemos o problema sob o imperativo de outra pergunta: Taunay e o Instituto valorizaram essa objetividade da experiência. Para pensar a respeito tomemos outro caso de meticulosidade, onde, entretanto, parece haver uma supressão de informação.

Notável é o caso das descrições de etnias indígenas listadas pela expedição entre São Paulo e Albuquerque; trata-se dos índios Xavante, Guaicuru e Caiapó. Florence deixou explícito na versão do *L'ami des arts* que o encontro com indígenas, propriamente com etnias não assimiladas, ocorreu somente em 18 de dezembro de 1826, em Albuquerque, um entreposto militar situado entre Camapuã e Dourados, na viagem do Taquari à embocadura do São Lourenço. Nas palavras do viajante: “Duas pirogas de guanás chegam quatro dias depois de nós. São os primeiros índios que vejo”. O fato parece bem relevante. Os Guaná, em Albuquerque, são os primeiros índios – não totalmente assimilados – que Florence vê. Essa objetividade a respeito do encontro com etnias é inexistente na versão do IHGB. Embora Florence não tenha tido contato direto com etnias entre Porto Feliz e Albuquerque não deixou de fazer observações sobre modos de vida, hábitos, localização, traços físicos e morais das etnias que habitam essa região – Xavante, Guaicuru e Caiapó.

Intriga que, por um lado, na versão IHGB há uma eloquência em relação à fidelidade descritiva, de forma a resguardar o valor documental da observação dos lugares, tendo mesmo que dizer quando fez as anotações do que viu, quando esteve em determinado lugar, com objetividade a respeito da impressão inicial. Por outro, ocorre um silêncio a respeito de informações que implicariam fragilizar a narrativa no que Taunay, logo, o IHGB julgava primordial. O fato de descrever etnias com as quais não teve contato direto pode ser subentendido mesmo na versão IHGB, na medida em que o viajante escreve “segundo contam nossos camaradas” (FLORENCE, p. 38); “tenho

escassas indicações a respeito” (idem, p. 38); “havíamos já ouvido falar” (idem, p. 87). O que não encontramos na versão IHGB é a informação evidente, como está na versão do *L’ami des arts*, de que os guaná foram os primeiros índios que Florence viu no caminho entre Porto Feliz e Albuquerque.

Deixando argumentos de cunho teórico de lado, o fato é que a versão IHGB tem uma preocupação especial com as descrições de etnias, nela ocorre uma atualização de dados, distâncias, nomes e mesmo da nomenclatura de etnias, trocando designações de senso comum por outras atualizadas ao contexto da segunda metade do século XIX.

Vejamos um exemplo. A coletânea *L’ami des arts*, no capítulo da viagem, descreve aspectos da etnia dos Coroados; na página 13 informa que habitam a região meridional do Brasil e são descendentes das tribos litorâneas que seguiram para o centro da América fugindo do jugo europeu. Não há menção à etnia dos Coroados na terceira versão. Comparativamente percebe-se que as descrições correspondentes são referidas à etnia dos Xavantes, e que a informação sobre a pretensa ascendência de indígenas do litoral é esquecida. Ocorreu uma mudança na nomenclatura, alterando a denominação de senso comum “Coroados” – uma classificação baseada no corte de cabelo – por uma atualizada, Xavante, denominadora de um grupo mais circunscrito. Quem a fez, Florence? Sabemos que esse trecho da narrativa é tradução do manuscrito de 1830. Florence denominou a etnia de Coroados no manuscrito *L’ami des arts* que foi escrito em 1853-1859, logo, 19 anos depois desse primeiro texto. É coerente esperar que ao longo de sua estada no Brasil o francês adquirisse sensibilidade sobre o tema indígena, mesmo mais informações, o que levaria a abandonar os estereótipos de senso comum. Contudo ocorre o contrário, usa em 1830 a denominação Xavante, depois em 1853-59 a de Coroados. Isso leva a crer que a adequação da nomenclatura foi feita por Taunay e o Instituto. Devemos lembrar que o programa do Instituto para a história do Brasil enfatizou as narrativas de estrangeiros para o conhecimento dos índios do sertão do país. Em consonância a essa ideia, a questão da ascendência litorânea dos indígenas brasileiros também foi excluída. Os motivos dessa supressão podem ser lidos a partir

das interpretações mais populares no IHGB, como a de uma ancestralidade Amazônica para todas as etnias do Brasil<sup>7</sup>.

As diferenças entre o texto da segunda e terceira versão não são apenas de forma e termos; em algumas passagens destacam-se supressões de conteúdo relevantes. O silêncio se apresenta diversas vezes quando o tema é a escravidão. Mapear a opinião de Hercules Florence sobre a escravidão não é uma tarefa simples. Nos anos de 1840, período de escrita das versões dois e três da narrativa, sabemos que Florence se posicionava junto aos liberais paulistas; seus vínculos com Álvares Machado e o Partido Republicano Paulista atestam essa filiação. O projeto dos liberais paulistas dava margem a opiniões críticas sobre a escravidão. Daí muitas passagens de denúncia à escravidão encontradas na coletânea *L'ami des arts*. Notável como exemplo são as descrições referentes à passagem da expedição por Camapuã em outubro de 1826. Pela substância da crítica é necessário ouvir falar o próprio autor; Florence escreve:

O exclusivo rendimento da fazenda está nesses crioulos [...] o rendimento reduz sensivelmente, contentando-se os donos a receber uma dúzia de meninos gerados por esses seus cativos [...]. Os pais desses desgraçados, de que os proprietários não querem despovoar a fazenda, pagam seus senhores esse tributo de sangue e de lágrimas, porque, embora se evite dizer, os escravos também choram. Cem faces tem a escravatura, todas horrendas. Não menos repugnante é a que mostra senhores frequentemente devotíssimos, recebendo sem o mínimo de remorso rendas humanas como a representada por infância tão desvalida. (FLORENCE, 1997. p.31).

9

A inquietação que causa ao ler essa crítica, aumenta na medida em que percebemos que a versão do IHGB não traz uma linha de opinião sobre a escravidão na descrição da passagem por Camapuã. Na terceira versão o viajante francês se limita a dizer sobre negros: “ O geral da escassa população é de pretos crioulos; poucos são os mestiços e mulatos. Dessa cor era o comandante” (FLORENCE, 1977. p.78). Pode ser essa outra situação de mudança de olhar? As descrições de Camapuã também estão na primeira parte da narrativa, logo, foram escritas em 1830.

A interpretação de que Florence, fortemente marcado pela identidade europeia em 1830, teria dado pouca atenção ao tema da escravidão, o que explicaria a

---

<sup>7</sup> Ver: KODANA, Kaori. **O tupi e o sabiá: Gonçalves Dias e a etnografia do IHGB em Brasil e Oceania**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 4, Ano IV. Nº 3. Setembro de 2007.

inexistência das opiniões sobre escravismo na passagem por Camapuã. Isto contrasta significativamente com a ênfase das críticas ao escravismo que apresenta na versão do *L'ami des artes*, feita já por um autor ambientado com a realidade brasileira em 1853-59. Mas, a percepção fragiliza-se quando temos em conta que Florence anotou na sua auto-biografia<sup>8</sup> a impressão que teve sobre a escravidão ao desembarcar no rio de Janeiro em 1824. Bourroul transcreveu o trecho na página 46 da biografia:

Atravessei o pequeno lago do Capim, onde se açoitava um preto amarrado ao pelourinho. Esta cena me revoltou, pois eu era bisonho quanto á escravidão. Mais adiante vi a fachada de São Francisco de Paula, onde estava escripto em grossas letras: *Charitas*; e não pude deixar de maldizer de um povo que affectava tanto a caridade e que açoitava os negros (FLORENCE apud BOURROUL: 1990, p. 46)<sup>9</sup>

A observação de Florence atesta que já olhava criticamente para o escravismo na chegada ao Brasil. De forma que as supressões de opinião sobre o escravismo em Camapuã são interferências dos editores. Essa linha de interpretação mostra-se mais contundente. Para a interpretação desse silêncio sobre o tema da escravidão na versão IHGB é importante ter em mente a instabilidade política e social do país na década de 1870, também os objetivos políticos do IHGB, que enquanto instituição do império não podia alimentar críticas ao o escravismo, um dos pontos de maior incidência das críticas liberais no período.

Uma supressão semelhante ocorre na descrição da passagem da expedição por Cuiabá.

A expedição chega a Cuiabá em janeiro de 1827. Sabemos que a descrições feitas após essa data não estão mais no manuscrito de 1830, são então correspondentes ao texto de 1853-60, revisado para publicação de 1876. Também sabemos que as descrições sobre aspectos de Cuiabá foram redigidas quase simultaneamente no texto

---

<sup>8</sup> Um dos capítulos do caderno *L'ami des artes*, intitulado “L’inventeur au Brésil ou Recherches et Recherches et Découvertes d’un Européen, pedant vingt ans de résodence dans l’intérieur de cet empire.” Entre as páginas 175 e 196.

<sup>9</sup> O trecho original do manuscrito **L’ami des artes**, página 193: “Je traversai la petite place du Capim, où l’on fouettait in noir attaché au Pilon. Cette vue me revolta, car j’étais novice em fait d’esclavage des noir. Plus loin jê vis la façade de S. François de Paule, où il étaint écrit em grosses lettres Charitas, et je me mis à maudire un peuple qui affectait de la charité, et que fouettaut les noirs”. A transcrição do caderno *L’ami des artes* foi feita no Instituto Hercules Florence em São Paulo. Uma copia foi gentilmente nos cedida.

entregue ao Instituto e no caderno *L'ami des arts*. No *L'ami des arts* Florence é imperativo em definir o caráter da população de Cuiabá:

Independentemente do clima, o isolamento desse povo, a débil influência dos preceitos religiosos, a facilidade de viver com quase nenhum trabalho; a ausência de adiantada civilização, que alimenta com ocupações morais as classes que prescindem do trabalho; a vizinhança dos silvícolas, cuja liberdade inocente nas matas, se metamorfoseia em vício, quando usada por povo que pretende passar por civilizado; a escravidão, enfim, tudo concorre para relaxar os costumes, de cuja observância se orgulham os povos que os repetam. (FLORENCE, 1997. p. 54).

Florence ressalta como características o desregramento moral, a preguiça e a desobediência. Procura explicar esses traços com argumentos históricos, sociais e mesmo climáticos.

O quadro que Florence constrói com opiniões sobre a população de Cuiabá não é nada elogioso na versão do *L'ami des arts*. Em termos quantitativos devemos mencionar que o autor usou páginas para tratar do caráter da população de Cuiabá. Como podemos observar na valoração emergem outros problemas, como dos vícios europeus, da mestiçagem e da escravidão. Intriga novamente que nenhuma dessas valorações de caráter está na versão do IHGB. Sobre Cuiabá, na versão do IHGB encontram-se algumas descrições da geografia; algumas observações de hábitos culturais; listagens de produtos comercializáveis e até alguma crítica sobre a mineração; nada, entretanto, no tom imperativo que Florence usou no *L'ami des arts*. Na versão IHGB Florence limita-se a descrever, deixando as explicações do caráter da população de lado. Porque? Uma carta sugere uma solução à questão, por tocar no âmago da dúvida. Quem nós apresenta a missiva é Estevam Bourroul. Vejamos em detalhe.

O visconde de Taunay respondeu em 10 de junho de 1875 à carta que H. Florence havia lhe enviado um mês antes. A primeira missiva entre os dois foi escrita por Taunay quando encontrou o manuscrito de 1830 em sua casa. A resposta de Florence – carta de 27 de maio – veio com o anexo da segunda parte da narrativa, o texto de 1853-1860. Um mês depois, escreve Taunay a Florence – carta de 10 de junho –, contado sobre a tradução e expectativa para a publicação. Essa última epístola foi transcrita em parte por Bourroul; nela diz o visconde:

O que fiz na tradução foi procurar conservar toda a fidelidade e ao mesmo tempo arredondar um pouco mais o estylo. Cortei também, com muita cautela, porém, algumas apreciações sobre o caracter dos Cuyabanos, verdadeiros há 50 annos, mas que hoje são um tanto asperas (TAUNAY apud BOURROU, 1990. p. 328).

O tradutor disse com todas as letras que alterou o texto retirando apreciações ásperas. A resposta de Florence, se existe, poderia dar mais informações sobre a relação entre o autor e o tradutor. Em todo caso, como observamos, o texto publicado na revista está de acordo com a ideia de ponderação defendida por Taunay, se ouve opposição por parte de Florence não chegou ao ponto de impedir a impressão.

Argumentar a favor de alterações no texto por parte de Taunay e do IHGB é totalmente possível com base na comparação. Contudo seria de muita valia ter os manuscritos de Florence que foram traduzidos para publicação na revista; é uma pena só fragmentos estarem preservados. As cartas constituem outra possibilidade de análise neste sentido. Sua conservação também é fragmentária, dispersa e de difícil aceso. Cabe ao historiador lidar com as lacunas. Mapear o pensamento de Taunay e do IHGB para confrontá-lo ao de Florence pode ser uma boa opção para sustentar interferências no texto. A explicação virá do próprio contexto de publicação.

12

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURROUL, Estevam Leão. **Hercules Florence (1804-1879). Ensaio historico-litterario**. São Paulo: Typografia Andrade, Mello e Comp, 1900.

COSTA, Maria de Fátima./ DIENER, Pablo. **Viajando nos Bastidores: documentos de viagem da expedição Langsdorff**. Cuiabá, MT: EDUFMT, 1995.

FLORENCE, Hercules. “Esboço da Viagem de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. Escripto em original francez pelo 2º desenhista da Comissão Scientifica Hercules Florence”. **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Ethnographico do Brasil**. Tomo XXXVIII e XXXIX 1875 e 1876.

\_\_\_\_\_. Voyage Fluvial, du Tiété à l'Amazone, par les Provinces Brésiliennes de S<sup>t</sup>. Paul, Matto-Grosso, et Gram-Pará. Manuscrito **L'ami des arts**, pp. 197-423. [Publicado em português com o titulo “Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas, pelas províncias brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão Para (1825-1829)”. São Paulo: MASP, 1977.

HARTMANN, Thekla. **A contribuição da Iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX**. São Paulo: Museu Paulista, 1975.

HARDMAN, F. F. e KURY, L.: "Nos confins da civilização: Algumas Histórias brasileiras de Hercules Florence". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 11(2): 385-409, mai/ago. 2004.

KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas**. – São Paulo: editora da universidade Estadual Paulista; Brasília, DF: Edições Langsdorff, 1994.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil** - rev. e ampl. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

KODAMA, Kaori. **O tupi e o sabiá: Gonçalves Dias e a etnografia do IHGB em Brasil e Oceania**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 4, Ano IV. Nº 3. Setembro de 2007.